



PSICOTERAPIA COMO CONDUTA TERAPÊUTICA: UMA VISÃO MÉDICA DA PSICOLOGIA

Raquel Schelbauer Aguiar¹; Leonardo Pestillo de Oliveira²

¹Acadêmica do Curso de Psicologia, UNICESUMAR, Maringá-PR. Programa de Iniciação Científica da UniCesumar (PIC).

²Orientador, Prof. Dr. do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, UNICESUMAR, Maringá-PR.

RESUMO: Expõe-se aqui os resultados obtidos pela pesquisa conduzida com médicos de família atuantes na Atenção Primária à Saúde – APS, privada ou não, sobre a visão dos mesmos acerca da psicoterapia enquanto conduta terapêutica para tratamentos em saúde mental. O trabalho foi desenvolvido a partir de revisão bibliográfica acerca da atenção primária a saúde e o local da saúde mental neste contexto, quando se embasando aí foi confeccionado um questionário que pudesse responder à pergunta da pesquisa a contento, bem como suscitar possíveis futuras investigações e até mesmo intervenções nesta área de conhecimento. Foram selecionados 07 indivíduos em acordo com a área de formação e atuação, sem critérios de sexo ou idade. Após o questionário aplicado foi feito o estudo das respostas e análise de seu conteúdo, que geraram a discussão dos fatos e resultados adiante expostos.

PALAVRAS-CHAVE: Atenção primária; saúde mental; psicoterapia; interdisciplinaridade.

1 INTRODUÇÃO

Muito se escuta sobre adoecimento mental e quase sempre esse diálogo surge acompanhado de exemplos e citações trágicas da vida privada; onde o indivíduo em sofrimento mental compartilha sua experiência de medicalização e vitimização. Todavia, pouco se escuta sobre a psicoterapia enquanto fator que promove e restabelece a saúde mental. Este cenário se repete, também, entre os profissionais que atuam diretamente na Atenção Primária a Saúde da população, onde a medicalização serve como alternativa e tratamento final, e pouco se discute acerca do restabelecimento, ou reinserção social do paciente em sofrimento mental através da psicoterapia (SANTOS, 2014).

Isto posto, levamo-nos às indagações: Qual a visão dos Profissionais da área médica atuantes na Atenção Primária à Saúde sobre a psicoterapia? Embora exista evidência clínica, é possível que os profissionais da área médica prefiram prescrever medicação à encaminhar indivíduos para a psicoterapia? Através do questionário aplicado, buscar-se-á compreender essas relações ou distanciamentos entre áreas e sugerir alternativas para um enriquecimento da interdisciplinaridade e cuidado.

A investigação deste projeto foi conduzida de modo a responder ao grande questionamento; qual a visão dos médicos atuantes na Atenção Primária sobre a Psicoterapia, e confrontar as respostas com as hipóteses lançadas no corpo desta introdução, a fim de que o conhecimento das distancias e proximidades entre as áreas médica e psicológicas pudesse favorecer o surgimento de alternativas e estratégias de união no tratamento e prevenção em Saúde Mental.



2 MATERIAIS E MÉTODOS

O método adotado foi descritivo qualitativo, ou seja, elaborou-se uma entrevista estruturada a partir de bibliografia concernente ao tema. Após a elaboração e revisão, o questionário foi aplicado aos indivíduos selecionados que forneceram respostas – estas analisadas qualitativamente à luz dos objetivos e hipóteses da pesquisa, cujos resultados adiante se expõe.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos questionários aplicados e nas respostas obtidas pelos 07 indivíduos entrevistados foi possível perceber que as perspectivas inicialmente construídas destoaram dos resultados. Outrossim fez-se clara a insurgência de outras hipóteses que pudessem responder ao questionamento feito inicialmente e que inspirar-nos-ão a conduzir nova investigação.

Por trabalharem todos na Atenção Primária à Saúde, a resposta uníssona quando se perguntou por queixas mais frequentes foi correlata a episódios ansiosos e estresse, ao que todos têm por conduta recomendar o uso da psicoterapia, quando há acesso, sendo a droga uma medida alternativa, utilizada em último recurso quando da ausência de profissionais psicólogos que pudessem intervir.

Pode-se notar que embora exista a possibilidade de encaminhamento à psicoterapia, há uma hipótese que não havia sido levantada no início, mas que agora pode ser cogitada, qual seja o preconceito, ou falta de informação, da população que é atendida pelo serviço de saúde acerca da psicoterapia. Bem como a resistência enfrentada ao se propor uma medida de resultados custosos e não imediatos, além de implicarem maior envolvimento do indivíduo atendido.

Os intuitos dos profissionais são no sentido de encaminhar o paciente à uma medida terapêutica que traga "*significado afetivo*", todavia essas medidas não são facilmente encontradas nos serviços de atenção primária à saúde e aí pode-se suscitar novo questionamento; de que talvez a psicoterapia não seja utilizada como forma terapêutica pela ausência de informação dos coordenadores em atenção primária à saúde acerca desta área do conhecimento e suas possíveis contribuições.

Alguns dos profissionais apontam também para a dificuldade em ter acesso ao serviço de atendimento psicológico na rede em que estão estabelecidos, ou quando tem o acesso, resume-se a psicoterapia em grupo, ou grupos de assistência, sendo a demanda psicológica ignorada pela coordenação das redes de atenção primária.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se da exposição de resultados acima e da própria feita desta pesquisa que a psicologia é uma área ainda insurgente no campo da saúde e da própria ciência, que aos poucos faz sua trajetória em direção ao reconhecimento e aprovação enquanto conduta terapêutica válida.

A visão médica da psicologia, ao menos daqueles aqui entrevistados, é condizente com a medicina de família e comunidade e a formação característica destes profissionais. Todavia, corre-se o



risco de tal visão não corresponder com a visão de outros profissionais da área médica, sobretudo especialistas.

Todavia, as dúvidas e receios suscitados pelos profissionais da medicina, são também dúvidas e receios experimentados pelos próprios profissionais da psicologia; acerca de sua posição, lugar e possibilidade em auxiliar e intervir com eficácia em casos de prevenção e pós-venção em saúde mental; em especial sobre as abordagens, a evidência de seu funcionamento e técnicas.

Entramos então em um antigo problema, ou paradoxo da Psicologia enquanto ciência; pelo qual sabemos das dificuldades e inúmeras falhas de método e análise de variáveis em estudos psicológicos que procuraram comprovar o status científico da psicologia (MEYER *et al*, 2015).

É preciso atuar em frentes de pesquisa e desenvolver produção científica multidisciplinar, que permita a apropriação do espaço cabido aos psicólogos na atenção primária à saúde e da comprovação cartesiana ou não da intervenção psicológica (GATTI, 2015).

Por derradeiro, sugere-se que outras investigações sejam feitas acerca da psicologia como profissão essencial à saúde, principalmente para que o diálogo da psicologia com as demais áreas da saúde seja aumentado e leve à uma maior integralidade e multidisciplinariedade na oferta do atendimento populacional.

4. Referências:

AMICK, Halle R. et al, Comparative benefits and harms of second generation antidepressants and cognitive behavioral therapies in initial treatment of major depressive disorder: systematic review and meta-analysis. *British Medical Journal*. Disponível em: < <http://www.bmj.com/content/351/bmj.h6019>>. Acesso em: 03 de abril de 2017.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MCDERMUT, W. et al, The efficacy of group psychotherapy for depression: a meta-analysis and review of the empirical research. Disponível em <<http://www.crd.york.ac.uk/crdweb/ShowRecord.asp?View=Full&ID=12001006031>>. Acesso em: 03 de abril de 2017.

MCWHINNEY, Ian R. Manual de Medicina de Família e Comunidade. Tradução: Anelise Teixeira Bursmeister. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas do Transtorno Afetivo Bipolar. Brasília, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Cadernos de Atenção Básica: Diretrizes do NASF. Brasília, 2009.



LAVRAS, Carmen. Atenção primária à saúde e a organização de redes regionais de atenção à saúde no Brasil. *Saúde Sociedade*, 2011, Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v20n4/05.pdf>>. Acesso em 10/09/2017.

ARIAS-CASTILLO, Liliana, *et. al.* Perfil do Médico de Família e Comunidade. *Wonca*, 2010, Disponível em <http://www.sbmfc.org.br/media/file/documentos/perfil_mfc.pdf>. Acesso em: 16/10/2017.

OTTE, Christian. Cognitive behavioral therapy in anxiety disorders: current state of the evidence. *Dialogues in clinical neuroscience*, 2011. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3263389/>>. Acesso em 20/10/2017.

BECK, Aaron T. *et. al.* The empirical status of cognitive behavioral therapy: A review of meta-analises. *Clinical Psychology Review*, 2006. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272735805001005>>. Acesso em 03/02/2018.

MURCHO, Nuno. *et. al.* Transtornos mentais comuns nos Cuidados de Saúde Primários: Um estudo de revisão. *Revista Portuguesa de Enfermagem e Saúde Mental*, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602016000100005&lang=pt>. Acesso em 03/02/2018.

ARAGAKI, Sergio Seiji; SPINK, Mary Jane Paris. Os lugares da psicologia na educação médica. *Revista Interface Botucatu*, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000100008>. Acesso em: 04/02/2018.

LEONARDI, Jan Luis; MEYER, Sonia Beatriz. Prática Baseada em Evidências em Psicologia e a história da busca pelas provas empíricas da eficácia das psicoterapias. *Psicologia, ciência e profissão*, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2820/282043249011/>>. Acesso em: 03/02/2018.

GATTI, Ana Lucia, *et. al.* Pesquisa Qualitativa: grupo focal e intervenção em idosos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000100020>. Acesso em: 02/02/2018.